

**Organizadores:**

---

**Carlos Ventura Fonseca  
Camille Johann Scholl  
Gláucia Helena Motta Grohs**

# **ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):**

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS  
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



Organizadores:

---

Carlos Ventura Fonseca  
Camille Johann Scholl  
Gláucia Helena Motta Grohs

# **ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):**

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS  
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

### ***Conselho Editorial***

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

### ***Diagramação:***

Editora TerriED

### ***Revisão:***

dos organizadores.

### ***Capa:***

Eduarda Johann Scholl

# CAPÍTULO 11

## LICENCIATURA EM PSICOLOGIA: CONTEXTO, REFLEXÕES E PRÁTICAS DE ESTÁGIO

*Bruno Vasconcelos<sup>1</sup>*

*Luciana F. Marques<sup>2</sup>*

**Doi: 10.48209/978-65-84959-42-A**

### INTRODUÇÃO

Durante o curso de bacharelado em psicologia são desenvolvidas habilidades dos futuros profissionais visando, em geral, a aplicação de intervenções com efeitos terapêuticos. Por outro lado, ao adentrarmos na área da licenciatura o cenário muda drasticamente. Nesse campo, a atuação do psicólogo tem um foco pedagógico, educativo, diferente daquele psicoterapêutico que abrange a maior parte do curso. Neste capítulo, iremos abordar o contexto no qual a complementação pedagógica de licenciatura em Psicologia surge e as questões teóricas dessa área. Além disso, na parte final do escrito, abordaremos a prática e metodologia utilizada em duas experiências de estágio curricular de docência em psicologia, realizadas entre outubro de 2022 e março de 2023.

---

1 Discente do curso de Psicologia Noturno com complementação pedagógica em licenciatura da UFRGS. E-mail: [vasconcelosbruno451@gmail.com](mailto:vasconcelosbruno451@gmail.com)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9237213080720880>

2 Docente da Faculdade de Educação da UFRGS e Supervisora do Estágio de Psicologia no curso de Licenciatura em Psicologia UFRGS. E-mail: [luciana.marques@ufrgs.br](mailto:luciana.marques@ufrgs.br)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3503042296002286>

A área da psicologia escolar surge a partir da inserção dos profissionais nas escolas com o propósito de avaliar, identificar e intervir sobre possíveis problemas de aprendizagem dos alunos. Assim sendo, essa atuação começou tendo enfoque em estudos, tradução e aplicação de testes psicológicos relevantes para o contexto escolar. Ademais, intervir sobre a problemática do fracasso escolar foi a principal demanda endereçada aos profissionais de psicologia (ZANELATTO; Courel, 2019).

Um exemplo disso, a nível internacional, é o próprio teste de Quociente de Inteligência (QI). Alfred Binet (1857-1911), delineou o teste de nível mental para ser um instrumento de diagnóstico das dificuldades de aprendizagem de estudantes que poderiam ser decorrentes de dificuldades cognitivas. Posteriormente, seu parceiro Théodore Simon (1873-1961) promoveu o uso do teste como ferramenta de mensuração cognitiva de toda população (CAMPOS;, GOUVÊA; & GUIMARÃES, 2014). Adiante retomaremos a questão do fracasso escolar.

Nos últimos anos, temos um novo paradigma na área. Atualmente, a psicologia busca ocupar outro papel na instituição escolar, papel esse que considera a importância do processo de aprendizagem a partir de uma visão ampla (ZANELATTO; COUREL, 2019). Em outras palavras, é necessário olhar o contexto cultural, de políticas públicas e o momento histórico no qual está inserido o sujeito.

Uma questão teórica mudou a forma como muitos profissionais passaram a se referir ao campo. Devido ao entendimento de que a psicologia na educação não se limita aos ambientes de educação formal, a área passou a ser chamada de psicologia educacional, pois essa passa pela presença em contextos mediados por diferentes relações de ensino e aprendizagem (ZANELATTO; COUREL, 2019). A psicologia educacional engloba a Psicologia escolar, que ocorre diretamente nas escolas.

Embora os psicólogos possam atuar profissionalmente nas escolas, apenas com a Lei Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019) foi instituída a obrigatoriedade desses profissionais no ensino público da educação básica, com

a finalidade de garantir os direitos definidos pelas políticas de educação. Dessa forma, garante a presença dessa área profissional e acaba contribuindo para estimular a presença da educação no currículo da formação do psicólogo.

Isso também ocorreu quando a disciplina de Psicologia foi obrigatória nos currículos do Ensino Médio a nível nacional. Essa nova demanda fomentou a busca por uma formação em psicologia voltada para a área da educação, com o objetivo de ocupar esse espaço: a licenciatura em psicologia. Por isso a luta política do sistema de Conselhos Regionais e Federal de Psicologia é importante para a criação e manutenção de campos de atuação e a formação profissional universitária. Esta vai na direção do que a sociedade precisa e abarca. Se não há espaço de atuação, a área tende a minguar.

Voltando à atuação da psicologia na escola, uma das principais questões é que, em geral, as escolas esperam que o profissional da Psicologia resolva os problemas da criança que não aprende ou que apresenta comportamentos agressivos (MACHADO, 2016), indisciplinados e outros classificados como individualmente “problemáticos”. Essa postura individualista, e até medicamentosa quando recorre ao auxílio médico para diagnosticar problemas de aprendizagem, tem sido duramente criticada por não considerar a multifatorialidade do problema em questão. A resolução de problemas pontuais de aprendizagem, que sabemos que existem, está longe de ser o papel de quem atua no campo da psicologia enquanto professor de psicologia, visto que este deve ser entendido enquanto aquele que ministra conteúdos de Psicologia, para então atuar como professor de Psicologia, ao invés de psicólogo clínico na escola (MACHADO, 2016).

Durante a década de 1990 ocorre uma nova mudança, a supressão da obrigatoriedade da disciplina de psicologia dos currículos. Dessa forma, ela fica restrita a compor os currículos do ensino médio por meio de atividades eletivas (MACHADO, 2016). Até o presente momento, a disciplina de psicologia não voltou a fazer parte do currículo do ensino médio de forma obrigatória.

Porém, a reforma do ensino médio que ocorreu por meio da lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 pontua em um de seus trechos que:



Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais (BRASIL, 2017).

Assim, com o estabelecimento da disciplina de Projeto de Vida enquanto componente obrigatório do ensino médio, abrem-se novos espaços para atuação no campo do ensino de psicologia, visto a relevância da área para trabalhar as questões cognitivas e socioemocionais visadas pela disciplina. Ainda que a proposição da disciplina não seja exclusividade do professor de psicologia, sem dúvida é parte do seu campo de formação e, portanto, ele está apto a ministrá-la. Retomaremos esse tema mais adiante ao abordarmos uma experiência prática de estágio em licenciatura em psicologia.

Até então, por certo tempo, o ensino de psicologia, a salvo no contexto do ensino superior, ficou restrito a cursos técnicos como os de turismo e administração que incluíram a matéria no currículo, em especial na disciplina de relacionamentos interpessoais (PELISSOLI; DE BONA, 2019) ou enquanto carga horária eletiva de algumas escolas como já mencionado anteriormente.

A partir da resolução nº 5 do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 15 de março de 2011 (também conhecida como carta de Salvador), foi tornada obrigatória a oferta da licenciatura em psicologia no ensino superior, enquanto complementação pedagógica nos cursos de psicologia de todo o país. Entretanto, houve uma limitação do campo de atuação causada pela exclusão da disciplina do Ensino Médio e pela restrição do MEC que apenas permite que seja realizada essa formação durante a graduação do curso de bacharel em psicologia. Diferentemente do cenário anterior, quando a formação era possível enquanto apostilamento para pessoas já formadas, cada vez menos profissionais apresentam a capacitação para atuar com o ensino de psicologia no nível básico de educação. Vale ressaltar que, atualmente, discussões e propostas acerca do tema continuam em curso nos órgãos envolvidos.

## **METODOLOGIA: A PRÁTICA EDUCATIVA NOS ESTÁGIOS CURRICULARES**

Enquanto estudante de graduação em psicologia, optei por fazer a complementação pedagógica da licenciatura. Ao me inserir nessa área, cheguei em um contexto pouco procurado na área da psicologia acadêmica. Mesmo que atualmente seja obrigatório por meio de leis que os cursos de graduação em psicologia ofereçam essa complementação, é difícil achar alguma graduação que, na prática, possibilita isso de forma ampla para os estudantes (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). No caso da UFRGS, as disciplinas da grade de formação em licenciatura em psicologia são abertas, normalmente oferecidas como eletivas para os alunos do bacharelado e, dessa forma, consegui realizá-las. Atualmente, são treze as disciplinas necessárias para complementação curricular e apostilamento de licenciado em psicologia, sendo elas: História da educação, Políticas da educação básica, Tecnologias e subjetividade, Sintomas sociais na educação contemporânea, Educação e envelhecimento, Educação contemporânea, Desenvolvimento humano e inclusão, Psicologia e docência, Educação terapêutica, Concepções e práticas no ensino de jovens e adultos, Divulgação da ciência e educação continuada, Diversidade e desenvolvimento humano, Língua brasileira de sinais e Estágio de docência psicologia e práticas educativas I e II.

Todavia, ao chegar nas etapas dos estágios de docência, fui o único aluno matriculado nas disciplinas de estágio I e II. De forma que isso empobreceu bastante a experiência, pois as discussões em grupo, a possibilidade de conhecer outras experiências e atividades são perdidas. Imagino que um forte motivo para a baixa procura é a mudança do público alvo que cursava a disciplina, dado que, antes da lei atual (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019) muitos alunos já graduados (inclusive de outras Instituições de Ensino Superior) retornavam à universidade ou vinham de outras cidades em busca dessa complemen-



tação como forma de se aprimorarem para o mercado de trabalho. Agora, no transcorrer do bacharelado pouco se fala sobre a possibilidade de complementação curricular nas cadeiras obrigatórias e é muito custoso para alunos que não estão no início do curso adicionarem as disciplinas mais dois estágios no seu planejamento semestral. Por sua vez, os alunos do início do curso não têm muita informação sobre a complementação e sua área de atuação, o que compromete o surgimento do interesse nessa formação entre os que estão chegando na graduação. Claramente há um campo de atuação da psicologia que é preterido e pouco ocupado em termos de mercado de trabalho.

Mesmo tendo realizado as disciplinas, ao chegar na prática dos estágios eu não sabia onde procurar, nem como funcionaria essa atuação. Foi com a ajuda da minha professora supervisora (co-autora neste capítulo) que consegui me localizar, entrar em contato com locais de referência para realizar o estágio e pensar nos projetos educacionais para aplicar. De início me deparei com a distinção do estágio I e o II: o primeiro visa inserir o estagiário na prática da docência, em um ambiente formal de aprendizagem, enquanto o segundo pensa a educação a partir de uma perspectiva mais ampla de processos de formação do sujeito em ambientes não formais de aprendizagem.

No meu caso, realizei o estágio de licenciatura em psicologia I em uma escola particular de nível fundamental e médio da cidade de Porto Alegre, sendo professor estagiário nas disciplinas de Projeto de Vida fornecida para o terceiro ano do ensino médio e no período socioafetivo com uma turma de sétimo ano do fundamental. Já o estágio de licenciatura II foi realizado em um coletivo parental localizado dentro de um centro cultural, voltado para educação infantil. Em ambos espaços contei com o apoio dos professores das instituições, assim como supervisão acadêmica semanal.

Tanto na escola particular quanto no coletivo parental, utilizamos muitas técnicas e referências teóricas distintas, especialmente as metodologias ativas,

para construir os encontros. Dispomos da utilização criativa do espaço fornecido pelas instituições para realizar os encontros. Suas estruturas internas amplas facilitaram a realização de dinâmicas de grupo. Algumas outras ideias surgiram no caminho e foram incorporadas e apropriadas pelo cronograma, como por exemplo a oficina de origami com os alunos da educação infantil, proposta após notar o interesse deles no assunto. Assim, o cronograma se fez de modo fluído, não vertical, buscando sempre conhecer o desejo e curiosidade do público alvo, a fim de que isso pudesse guiar as práticas que seriam desenvolvidas ao longo dos semestres. Meus interesses e habilidades também foram considerados, como forma de tornar a atuação em grupo mais genuína..

Mesmo assim, muitas vezes tivemos que adaptar o planejamento, seja pelos feriados ou em casos especiais, como nas vezes onde a dinâmica planejada precisou ser alterada em virtude de estarem presentes poucos participantes. Também entendemos a importância dos momentos lúdicos de brincadeira ou conversa livre, principalmente para formação do vínculo com o estagiário, facilitando o engajamento dos participantes nas propostas futuras. E como bem aponta Freire (2006), tivemos a oportunidade de criar um ambiente em que todos aprendem com todos ao mesmo tempo, embora o professor tenha a incumbência de facilitar a organização do grupo e mediá-lo em direção à circulação de saberes.

Outro fator, além das atividades, que contribuiu na articulação com o grupo foi o café da manhã coletivo, rotineiro na educação infantil, e o lanche coletivo realizado com a turma do sétimo ano e com a do ensino médio. No coletivo parental, eu chegava no horário do café da manhã dos alunos. Nos dias mais bonitos, montamos piqueniques no pátio e em geral eram momentos muito agradáveis para todos. Tendo isso em vista, a proposta para o último encontro foi justamente um momento assim, em conjunto com a brincadeira livre.

Deve-se ressaltar que nos foi essencial a noção de metodologias ativas, isto é, atividades voltadas para uma aprendizagem prática e lúdica, em diálogo com

as teorias, oferecendo objetivos interessantes aliados à possibilidade de aprender em conjunto com o restante do grupo. Nas metodologias ativas, o protagonismo é dos discentes. Portanto, partem de propostas de aulas com atividades que envolvam diretamente os estudantes de forma que atuem como pesquisadores, jogadores ou palestrantes, a fim de avançar seus processos de reflexão e integração cognitiva (MORÁN, 2015), uma vez que: “quanto mais aprendamos próximos da vida, melhor” (MORÁN, 2015, p. 18).

Sendo assim, buscamos nos distanciar de um modelo de educação bancária, pautada na transmissão de conteúdo. Nas palavras de Paulo Freire, esse modelo é caracterizado por:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a ‘concepção bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2006, p. 57).

Optamos por criar desafios e atividades, planejados e acompanhados, que contribuíssem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais, visto que essas exigem pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, e caminhar do simples para o complexo (MORÁN, 2015). Um exemplo disso foi um dos pequenos ensinando as posições de yoga para o colega que estava com dificuldades de realizá-las, visto que nessa interação eles utilizaram de suas capacidades sociais, corporais e focais para realizar a proposta.

Acredito que essa concepção ajudou a tornar os encontros mais estimulantes, tendo em vista que a docência mais tradicional pode encontrar certos entraves na formação de vínculo. A hierarquia professor-aluno, e a suposta superioridade do primeiro, atua como uma formalidade em que um ensina e o outro aprende, devendo-lhe submissão. Ademais, com a difusão do acesso à internet, os professores perdem seu valor enquanto única fonte de informações. Esta pode ser facil-

mente encontrada através dos *smartphones* a qualquer momento, mesmo entre os alunos mais jovens. Sendo assim, a aula bancária descrita por Freire passa a ser desinteressante, desatualizada para os tempos atuais e a necessidade de atuar com novas metodologias e posturas se intensifica.

Além disso, minha preparação enquanto estagiário fora das disciplinas foi essencial para o transcorrer da docência em sala de aula. Busquei diversas dinâmicas e atividades práticas para relacioná-las com a parte teórica, a fim de tornar as aulas mais divertidas e interessantes. Dessa forma, não apenas falamos sobre regulação emocional, como também buscamos realizar práticas de meditação e outras que atuam diretamente sobre esses temas. Outro exemplo foi o almoço coletivo na escola realizado pelo terceiro ano. Os alunos, como treinamento da capacidade de planejamento sobre a qual conversamos, organizaram todo o evento conforme imaginaram e em seguida o executaram. Na educação infantil, aproveitamos um dia de sol para plantarmos mudas pelo centro cultural antes de fazermos uma roda de conversa sobre ecologia e o papel do ser humano na natureza.

No caso das salas de aula na escola particular, uma atenção especial merece ser dada aos cine-debates realizados. Nelas levamos em consideração que cada filme e produção audiovisual possui um sistema de significações próprio, de modo que quando as obras se apresentam para o espectador, esteja ele buscando entretenimento ou procurando realizar uma análise do material, este é convidado a experimentar uma dimensão espaço-temporal singular (FABRIS, 2008) acompanhado da presença do grupo que terá a oportunidade de trocar experiências após a exibição. Assim, o cinema, e o debate sobre o que assistimos, foram recursos pedagógicos importante para nossa metodologia, na medida em que:

Nessas histórias, mergulhamos e vivemos como se nosso corpo estivesse lá, incorporado àquelas personagens que experienciam na tela as mais fantásticas aventuras, dolorosos dramas, eletrizantes musicais, alegres peças de humor, envolventes melodramas, aterrorizantes suspenses e tramas de terror. Elas nos interpelam para que assumamos nosso lugar na tela, para que nos identifiquemos com algumas posições e dispensemos outras (FABRIS, 2008, p. 118).

Esse movimento foi muito enriquecedor pois contamos com projetores de boa qualidade nas salas de aula para realizarmos as exposições e providenciamos pipoca para acompanhar as mesmas. Além disso, seguindo o caminho apontado pelas metodologias ativas, possibilitamos que os próprios estudantes escolhessem o que gostariam de assistir, mesmo que dentro de certas bordas que dialogassem com as temáticas do conteúdo programático da disciplina. Após assistirmos alguns curtas e episódios de séries que abordam diversos temas como conflitos interpessoais, sexualidade (com a turma do ensino médio), questões sociais e outros, notamos os alunos muito engajados no debate e optamos por alterar o cronograma para repetir essa prática. O professor da turma sempre esteve presente em diálogo com a turma e comigo, possibilitando o planejamento em conjunto.

## **DISCUSSÃO**

Dentro das diferentes abordagens teóricas da psicologia, muito foi falado sobre o tema da Educação. As duas áreas possuem uma relação, por vezes conflituosa, já bem antiga e com diversas visões acerca dos variados assuntos.

Tal relação é ilustrada no trabalho *“Contribuição da Psicanálise para Educação: a Transferência na Relação Professor/Aluno”*, onde a autora Márcia de Pádua Ribeiro (RIBEIRO, 2014), partindo de referenciais teóricos acerca do conceito de transferência na psicanálise, traz importantes contribuições para pensarmos a docência. De acordo com ela, em um momento inicial, Freud colocava uma visão da educação enquanto algo patogênico, visto que é um ambiente de seleção de comportamentos sociais, nas palavras da psicanálise, recalçamento e castração, elementos essenciais da psicogênese das neuroses (RIBEIRO, 2014). Porém, essa posição não durou muito tempo e o próprio autor passou a ressaltar o aspecto positivo do processo educativo ao abordar a adaptação à realidade gerada na vivência escolar, chegando até mesmo a aproximar a clínica da docência ao afirmar que essa poderia ser uma educação tardia a respeito das pulsões e seus

destinos que podem levar as neuroses, nas palavras da autora: “A psicanálise estaria, assim, no papel da reeducação do que escapou à educação primeira” (Ribeiro, apud RIBEIRO, 2014, p. 24).

Para Freud, junto com a análise, a educação constitui uma das tarefas impossíveis (RIBEIRO, 2014), visto que nunca se completa a trajetória de aprendizados de uma pessoa, nem se ensina algo por completo, o que vai ao encontro do que Freire (2006) falava sobre ninguém ensinar nada a ninguém e todos aprendem com todos. Portanto, em contraponto ao ensino bancário, temos aqui uma concepção que põe em perspectiva os deslocamentos nas posições que o sujeito se entende, na medida em que, nessa segunda concepção de Freud, o processo de formação educacional se parece mais com uma análise do que com uma prática de adestramento. Assim, já no início do século XX, a articulação do campo da psicologia com a docência já se mostrava muito potente.

Observamos que, mesmo no curto período dos estágios, houve alguns deslocamentos e movimentos importantes, tanto individuais quanto coletivos. Portanto, entendemos que isso foi possibilitado por essa primeira experiência de docência na medida em que se fez presente na constituição subjetiva dos envolvidos, de ambos os lados, seja devido a transferência (conforme a Psicanálise) ou pelas atividades possivelmente significativas para o grupo.

Ademais, um tema frequente na graduação de psicologia no momento, que aparece em várias abordagens da clínica, é a psicoeducação. Isto é, quando o psicoterapeuta entende que há uma certa importância em ensinar sobre determinado assunto ao paciente. De forma que:

Trata-se de uma técnica embasada no modelo biopsicossocial, no qual o indivíduo é visto como um ser holístico e sistêmico, em que se une conceitos de teorias e da prática psicológica com o processo educativo de aprendizagem, tendo como principal objetivo poder dar melhor assistência às complexidades que envolvem a saúde do indivíduo (MAIA, 2018, p. 1).

Assim, fica evidente que a dimensão pedagógica no trabalho do psicólogo pode aparecer já no contexto clássico da psicologia clínica, antes mesmo



de pensarmos sobre a psicologia nos ambientes de aprendizagem. Assim, vale ressaltar que ainda hoje essa relação entre o psicólogo docente e o psicólogo bacharel aparece muito forte, sendo potencialmente uma fonte de confusão devido a sutil diferença do foco de atuação e habilidades necessárias em cada um desses papéis.

## **RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo isso em vista a experiência prática e teórica presente nos estágios, a complementação pedagógica em licenciatura em psicologia foi um espaço de muito aprendizado, deixando uma marca significativa na minha formação profissional. Sendo assim, destaco algo que outros autores também já perceberam:

É importante que, desde o início do curso de graduação em Psicologia, se façam presentes no discurso dos professores as possibilidades de atuação do futuro profissional, enfatizando que, dentre tantas possíveis e diversas áreas as quais o psicólogo poderá transitar, também está a docência em Psicologia (MACHADO, 2016, p. 105).

Há algo nessa trajetória que soa estranho. Parece haver um abandono dessa formação, seja por parte das instituições ou dos discentes, mesmo com a participação ativa de dos Conselhos e associações, como a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, no estabelecimento de debates e propondo alterações na legislação. No início do texto pensamos um pouco em como a história da relação entre educação e psicologia conta um pouco sobre o que vemos no contexto atual. Vale ressaltar que a educação é uma área essencialmente de formação pessoal e socialização do conhecimento, enquanto a psicologia foi historicamente marcada por atravessamentos do discurso das ciências (desde Freud que demonstrava uma preocupação com a cientificidade daquilo que era produzido pela psicanálise até hoje com a chamada psicologia baseada em evidências), resultando em um olhar direcionado voltado para a prática e a aplicabilidade. Tal distinção pode ser uma das causas do afastamento dos psicólogos da formação em licenciatura (MACHADO, 2016).

Outra possível explicação para o ocultamento dessa área possui um cunho fortemente político. Como dito antes, a disciplina de psicologia foi removida do currículo nacional do ensino médio, permanecendo apenas como eletiva em algumas formações técnicas. Olhando para outras disciplinas (filosofia e sociologia) que, atualmente, foram alvos de movimentos que buscavam substituí-las no currículo, podemos considerar que:

Disciplinas como Psicologia, Sociologia e Filosofia desempenham um papel que vai além da simples assimilação de conteúdos para a preparação de uma mão de obra técnica. A função das ciências humanas é a formação, no e para o sujeito, de um senso crítico, emancipador, inovador, criador e humanizado. É nesse sentido que a inclusão de disciplinas como Sociologia, Filosofia e Psicologia tem como objetivo a formação de cidadãos críticos e que se envolvam com as questões relacionadas à sua realidade social e política e que o desenvolvimento dos jovens não se restrinja apenas a uma visão técnica, que visa ao melhor desempenho no mercado de trabalho ou à aprovação nos vestibulares, mas que também ambicione a construção de um sujeito que habite e opere mudanças na sua realidade social (MACHADO, 2016, p. 103).

Sendo assim, temos aqui uma proposta contrária ao que tem sido feito nos últimos anos na educação nacional, que tem buscado cada vez mais preparar os alunos para o mercado de trabalho, como podemos ver na formulação do novo ensino médio e no modelo anterior do chamado ensino politécnico. Nota-se, porém, que filosofia e sociologia, no período da ditadura militar, chegaram a ser retiradas do currículo e assim permaneceram por 40 anos até 2008, quando a lei nº 11.684 tornou obrigatória a presença das duas disciplinas nos três anos do ensino médio.

Os movimentos políticos afetam diretamente as diretrizes educacionais presentes. Podemos ansiar pelo dia no qual a psicologia seja incluída na sociedade de forma mais ampla, como era na educação quando se buscava, por meio da disciplina de psicologia, formar sujeitos que se apropriassem das teorias psicológicas para pensar seu cotidiano. Assim, mostra-se a urgência de vermos na psicologia algo mais amplo que a clínica, não apenas no que diz respeito à educação, de forma que seu saber possa ser um conhecimento constitutivo e não apenas uma prática integrante do campo da saúde.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019.** Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Diário Oficial da União, 2019.

CAMPOS, R. H. de F., GOUVÊA, M. C. S. de, & GUIMARÃES, P. C. D. A recepção da obra de Binet e dos testes psicométricos no Brasil: contrafaces de uma história. **Revista Brasileira de História Da Educação**, v. 14, n. 2, p. 215–242, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v14i2.696>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA–CFP. “Ano da formação em psicologia: **Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia.**” *Conselho Federal de Psicologia*, 2018. DISPONÍVEL EM: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/07/RELAT%C3%93RIO-FINAL-REVIS%C3%83O-DAS-DIRETRIZES-CURRICULARES-NACIONAIS-PARA-OS-CURSOS-DE-GRADUA%C3%87%C3%83O-EM-PSICOLOGIA.pdf>

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1., p. 117-133, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MACHADO, L. A. Psicologia no Ensino Médio e Psicologia Escolar: história, diferenças e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 1, p. 101-108, Janeiro/Abril de 2016

MAIA R. S.; ARAÚJO T. C. S.; MAIA E. M. C. Aplicação da psicoeducação na saúde: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 20, n. 2, p. 53-63, 2018.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas.** [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG. 2015.

PELISSOLI, C.S.C.; DE BONA, A.S. Análise dos projetos pedagógicos do Curso de Tecnologia em Processos Gerenciais com foco no tema: relacionamento interpessoal. **Revista Thema**, v. 16, n. 1, p.174-186, 2019.

RIBEIRO, M. de P. Contribuição da Psicanálise para a Educação: A Transferência na Relação Professor/Aluno. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 39, p. 23-30, 2014.